



SANTOS, Mirta Fernández dos. *La recepción crítica de la obra de Delmira Agustini por sus contemporáneos*. Madrid: Iberoamericana/Frankfurt am Main: Vervuert, 2019. 245 p.

Francisco Topa

Universidade do Porto (U. Porto), Porto / Portugal

ftopa@letras.up.pt

<https://orcid.org/0000-0001-6929-5618>

Este volume é um dos resultados da tese de doutoramento de Mirta Fernández dos Santos, defendida em 2018 na Universidad Nacional de Educación a Distancia, Espanha, e intitulada “*Con alma fúlgida y carne sombría*”: edición crítica de la obra completa de Delmira Agustini y estudio de concordancias léxicas de “*Los cálices vacíos*”.

Graças a trabalhos desse tipo, vamos aos poucos confirmando a nossa ignorância sobre a literatura e a cultura espanholas e hispano-americanas, tanto mais surpreendentes quanto Espanha é o nosso único vizinho e o castelhano é uma língua que, de há uns anos a esta parte, muitos dos nossos jovens estudam e que a maior parte dos portugueses é capaz de entender e de ler sem dificuldade maior. O caso de Delmira Agustini é um exemplo bem ilustrativo: membro importante da chamada Geração de 1900 – a que pertence também o mais afamado Rubén Darío –, Agustini é quase desconhecida no nosso país. Basta atentar no facto de, antes dos trabalhos de Mirta Fernández, só a Biblioteca Nacional de Portugal ter duas edições das suas obras, uma datada de 1940, feita em Montevideo, e outra de 1944, publicada em Buenos Aires. A situação não é diferente no Brasil: na Biblioteca Nacional desse país só há duas obras da poetisa, uma antologia uruguaia de 1965 e uma edição mexicana de *Los cálices vacíos* dada ao prelo em 1997. Além disso, não temos até hoje nenhuma antologia em português da obra da autora uruguaia.

E, contudo, trata-se de uma das mais importantes escritoras de toda a América do Sul, apontada pela crítica como pioneira na representação da paixão e da sexualidade femininas e, noutro plano, referida muitas vezes como exemplo daquilo a que hoje chamamos feminicídio (tendo abandonado o marido pouco depois do casamento, divorciou-se e foi morta por ele). Também por isso é de grande interesse o volume agora publicado por Mirta Fernández, *La recepción crítica de la obra de Delmira Agustini por sus contemporáneos a través de su correspondencia inédita y poco difundida*.

O valor da carta e da correspondência em geral estão desde há muito reconhecidos, quer se trate da carta de teor literário (tradicionalmente designada por epístola), quer se trate de uma correspondência mais comum. Para além do interesse que os textos muitas vezes apresentam por si mesmos, reconhecem os especialistas o seu valor documental, tanto para o conhecimento da obra e da personalidade do autor, como para a compreensão das suas circunstâncias. Menos atenção tem sido dada à correspondência recebida, a menos que do outro lado esteja uma personalidade também da área das Letras. E, no entanto, como se vê neste volume, essa correspondência é decisiva, por um lado para perceber a receção de um autor pelos seus contemporâneos, por outro para ter uma ideia mais nítida do universo do escritor, inclusive no labirinto do seu quotidiano, só em aparência menor.

Nas 139 cartas reunidas por Mirta Fernández (muitas delas inéditas ou nunca publicadas em livro), remetidas por 82 pessoas (entre as quais Miguel de Unamuno), temos apreciações críticas e referências mais ou menos circunstanciadas à obra de Delmira e, noutro plano, textos reveladores das relações sociais da autora, à partida com um interesse menor. Isto porque, como salienta a investigadora na introdução, a tendência tradicional da crítica consistiu na valorização da anedota biográfica, deixando para segundo plano o estudo da poesia. Estes são, por conseguinte, dois dos méritos imediatos do livro: a publicação de material inédito ou pouco conhecido e o recentrar, tantos anos depois da propalada morte do autor, da investigação acerca de Delmira na poesia, em vez da biografia.

Organizadas de modo muito claro e transcritas de acordo com critérios filológicos irrefutáveis, as cartas dirigidas a Delmira leem-se com muita facilidade, mesmo por parte de um grupo pouco ou nada familiarizado com a autora. Para isso contribuem as riquíssimas notas

elaboradas por Mirta Fernández, que contextualizam, explicam e destacam todas as informações relevantes. E este é um dos muitos méritos do volume: em vez de se sobrepor ao texto (tentação em que caem muitos editores), a editora tem a humildade de ajudar o texto a chegar ao leitor contemporâneo.

Quanto às cartas propriamente ditas, pode dizer-se que todas elas contêm motivos de interesse. As mais importantes são, por certo, as que apresentam juízos críticos, como esta do jornalista e escritor Alberto Lasplaces: “A Senhora é um temperamento poético absolutamente desconcertante. Apesar da feminilidade que outros encontram nos seus versos, eu não vejo mais que força de expressão, opulência de pensamento e reviravoltas verdadeiramente desconcertantes. A sua originalidade é evidente”¹ (p. 155). Outras interessam por mostrarem o tipo de admiração que a jovem poetisa suscitou nos seus companheiros de Letras. Veja-se, por exemplo, o caso do médico e escritor Justino F. Amonte, que começa assim a sua missiva: “Muitíssimo obrigado, minha Senhora! Um obrigado que exprima toda a emoção sentida pela minha alma, ao contemplar sobre a minha mesa de defunto, as asas brancas do seu seletto autógrafo!”² (p. 109). Ou o do médico e poeta equatoriano José Antonio Falconí Villagómez: “Como nasceu a minha simpatia pela Senhora? Não sei. Houve nisso muito de humano e mais de divino. O primeiro foi trazido pela Senhora; o segundo, deve-se aos seus versos”³ (p. 140).

Outras cartas destacam-se pela apresentação de uma conceção da poesia, em geral bem diferente da dos nossos dias. É o que se pode ver nesta passagem do redator Gerónimo Colombo:

¹ “Es Ud. un temperamento poético absolutamente desconcertante. A pesar de la femineidad que otros encuentran en sus versos, yo no hallo sino fuerza de expresión, opulencia de pensamiento y giros verdaderamente desconcertantes. Su originalidad es manifiesta.” (Tradução minha)

² “Gracias infinitas, ¡Señora! ¡Gracias que expliquen toda la emoción sentida por mi alma, al contemplar sobre mi mesa de caído, las alas blancas de su autógrafo selecto!” (Tradução minha)

³ “¿Que cómo nació mi simpatía por Ud.? No lo sé. Hubo en ello mucho de humano y más de divino. Lo primero lo puso Ud.; lo segundo, lo pusieron sus estrofas.” (Tradução minha)

Não são os poetas (com a sua licença) que têm a linguagem com que são determinados os sentimentos alheios assinalados na harpa ideal das suas próprias inspirações, porque os poetas exprimem, no máximo, as suas imagens e, às vezes, as suas ideias, mas os sentimentos, assim como as imagens e ideias dos outros, não convergem, com todas as suas propriedades inatas, no crisol onde as metáforas adquirem cor e matiz. Os poetas, ora cantando as suas angústias ou os seus amores, ora expressando a polifonia de tons da Natureza, os poetas não fazem mais que mostrar-nos um temperamento ardente entrelaçado com a veemência da imaginação.⁴ (p. 128).

Há também missivas cuja importância reside no valor de uma informação sobre relações literárias. Sirva de exemplo um texto de Delmira Triaca de Conrado, em que esta se faz mediadora de um livro “do maior poeta do Brasil, Olavo Bilac”⁵ (p. 44) e de um autógrafo de Aluísio de Azevedo, “o maior *romancista* sul-americano”,⁶ a quem, segundo diz, os versos da poetisa uruguaia “agradaram profundamente”⁷ (p. 45).

Além destes motivos mais diretamente literários, os textos editados por Mirta Fernández oferecem muitas outras razões para reflexão, estudo e deleite. Atente-se, por exemplo, em expressões mais ou menos codificadas como “Ponha-me aos pés da Senhora sua mãe”⁸ (p. 77) ou “Não sabe a alegria que a sua carta me deu, minha querida”⁹ (p. 69). O mesmo se diga sobre a forma de tratamento, que alterna entre

⁴ “No son los poetas (con vuestro permiso) los que tienen el lenguaje con que se determinan los sentimientos ajenos señalados en el arpa ideal de las propias inspiraciones, porque los poetas dicen, a lo sumo, sus imágenes, y a veces sus ideas, pero los sentimientos, así como las imágenes y las ideas de los otros no convergen, con todas sus propiedades ingénitas, en el crisol donde las metáforas adquieren color y matiz. Los poetas, ora cantando sus angustias o sus amores, ora expresando la polifonía de tonalidades de la Naturaleza, los poetas no hacen otra cosa que mostrarnos un temperamento ardiente entre las vehemencias de una imaginación.” (Tradução minha)

⁵ “del más grande poeta del Brasil, Olavo Bilac.” (Tradução minha)

⁶ “el mayor *romancista* sudamericano.” (Tradução minha)

⁷ “han apreciado altamente.” (Tradução minha)

⁸ “Póngame a los pies de su señora mamá.” (Tradução minha)

⁹ “No sabe la alegría que me dio su carta, rica.” (Tradução minha)

o *tu* e o *usted*, o que merece de Salvadora Medina Onrubia a seguinte proposta: “suprimamos, de imediato, o tonto «Senhor(a)»”¹⁰ (p. 69).

Não faltam pois bons motivos para ler este trabalho de Mirta Fernández, tanto mais que ele pode servir de aperitivo para uma antologia em português da poesia de Delmira Agustini.

¹⁰ “por de pronto, suprimamos el tonto «Ud.».” (Tradução minha)

Recebido em: 6 de março de 2020.

Aprovado em: 15 de junho de 2020.